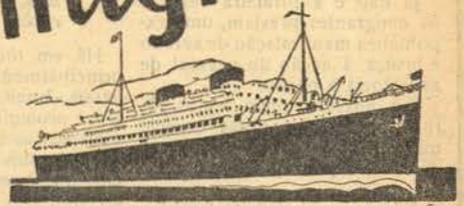




# O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa

Redacção e Administração

— RUA DE S. PAULO, 216-2.º —  
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos  
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro

Propriedade do S. N. E. A. E. M. E.

Composição e impressão:

CAÇADA DOS CAETANOS, 18  
TELEFONE 21450

## A apoteótica viagem do General Carmona a Moçambique

Não é uma simples viagem de soberania esta que o venerando Chefe do Estado fez à nossa Colónia de Moçambique.

Não é apenas uma visita protocolar, uma visita de estímulo aos colonos que longe da Metrópole porfiam numa luta gigantesca para levantar mais alto o nome de Portugal.

Mais do que isso.

A visita do Presidente Fragoso Carmona é uma afirmação da unidade nacional, uma demonstração da florescência da Nação, salva de um cataclismo clamoroso.

A visita do Chefe do Estado pelas vastas terras do nosso domínio de além mar, espalhando na sua passagem a saúde da sua insinuante figura, levando a todos pela sua palavra fluente a saudação da Pátria reconhecida, esta visita ficará na história como um facto imorredouro de superior visão política e de grande efeito moral.

Por toda a parte, em Cabo Verde, em S. Tomé, em Lourenço Marques, na Beira etc., nas grandiosas manifestações de que foi alvo, algumas inexquecíveis pela sua imponência e outras pela sua espontaneidade, o General Carmona deixou assinalada a sua presença de uma forma extraordinariamente brilhante.

A Nação outrora divorciada das suas vastas colónias, encontra-se hoje formando um Império, o Império Português, cheio de seiva enérgica e forte, pronto a todas as emergências.

A «ronda» do General Carmona com o seu alto significa o, merece ser vincada a letras de ouro, para que amanhã a mocidade das colónias e da Metrópole a relembre comovida.

Ao contemplar a figura prestigiosa do General Carmona, como símbolo altaneiro da Pátria, éle próprio o seu mais alto dirigente, a multidão de colonos que o saudava com delírio, sentiu frémitos de emoção e saudade e muitas lágrimas caíram no solo africano, estas de alegria, diferentes — e muito — daquelas outras que amassaram a terra virgem nos tempos primitivos da colonização.

E a voz dos mais distintos portugueses de África, soou em hinos de louvor e saudação, nos quais o nome de Portugal vibrou pelas montanhas ou pelas planícies, sempre ligado a outros dois nomes, piedosos obreiros do Portugal de hoje!

São do ilustre Governador Geral de Moçambique, estas palavras preciosas, ditas na recepção do General Carmona.

Queremos arquivá-las, porque são um grito sincero de vibração patriótica, expressão fiel do sentir dos portugueses de África:

«A presença de V. Ex.ª entre nós não constitui, todavia, uma surpresa. Não a constituiu também a comunicação oficial da viagem. Desde o regresso da delegação que, em 1938, a Luanda levou a V. Ex.ª as saudações da colónia, ela estava absolutamente certa de que receberia, este ano, honra igual à que, no último, recebera a sua irmã da outra costa, porque a política da verdade há muito sepultou a cem braços de fundura a época triste de promessas enganadoras».

«Mas se por um lado a presença de V. Ex.ª simplesmente confirma, para nós, uma convicção que de tão sólida, era já uma certeza — a de que em Portugal, hoje, só se promete para cumprir — ela representa, por outro, muito mais que uma surpresa e põe nos nossos olhos e põe nas nossas almas deslumbramentos de alvorada e como que um espanto de milagre».

«Milagre sim! Quando o desvaio e os erros dos homens pareciam ter conduzido um povo que por sua gesta fôra grande entre os maiores, aos limites extremos duma decadência sem remédio, eis que de repente a mão de Deus, pela primeira vez entrevista na clara manhã de Ourique, de novo sobrenaturalmente se lhe revela na dádiva sem par de um Chefe incomparável».

«E V. Ex.ª foi então o agente eleito para a escôlha desse Chefe. Da sua mão honrada se serviu a mão de Deus, para desse modo nos desviar dos escuros trilhos que levam à morte na ignominia e nos restituir uma vez mais a estrada cheia de Sol que conduz à salvação e à vida na dignidade!»

«Nessa directa intervenção de V. Ex.ª no milagre da ressurreição nacional reside o primeiro e o mais alto dos títulos à nossa veneração e reconhecimento».

«Toda a terra de Moçambique anda embebida, palmo a palmo do nosso sangue, do nosso suor, das nossas lágrimas. Lá desde cima, da serra Mecula, à beira do Rovuma, até ao plaine de Magul e aos areais do Maputo,

Continua na 4.ª pág.

## Gratos testemunhos

## Um elogio OS SINDICATOS E OS CRÍTICOS

Já não é a primeira vez que os emigrantes prestam, uma espontânea manifestação de agrado e justiça à acção do pessoal de assistência a bordo.

Em nosso arquivo temos vários documentos dessa espécie que estão a atestar como, apesar de tudo, o pessoal sabe cumprir o seu dever.

A imprensa brasileira também tem feito eco dos serviços de assistência prestados pelo pessoal português que segue a bordo, mas nunca, como agora, se tinha verificado um público testemunho de gratidão dos emigrantes, num grande periódico lisboeta.

Essa grata notícia foi-nos dado ler no jornal *O Século*, de 17 de Julho, expressa numa declaração que vamos transcrever gostosamente:

«Nós, abaixo assinados, passageiros portugueses embarcados nos portos do Brasil para Portugal no vapor alemão *«Monte Pascoal»* vimos por este meio tornar público o nosso reconhecimento pelo ambiente de comodidade e conforto que se desfruta a bordo do referido vapor, destacando-se a competência e delicadeza do pessoal português de assistência aos emigrantes, e especialmente, o alto valor profissional do cozinheiro sr. Ayres Marques Gomes, que, para complemento, nos proporcionou uma viagem de inteira satisfação pela parte culinária em que se revelou exímio, conforme mensagem por nós entregue ao respectivo comandante. Igualmente, não podemos olvidar a competência, prontidão e gentileza no médico-inspector da emigração a bordo, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João da Conceição Furtado, bem como do seu pessoal de enfermagem.

Bem com as nossas consciências por tão justo preito rendido, passamos a assinar.

Lisboa, 14 de Julho de 1939.

(a a)

João Manuel de Amorim, Manuel Dias Rebelo, António Gémio, Eduardo Pereira Soares, João António Alves de Oliveira, José Abalada, filho, Domingos Pinto, António da Costa, Joaquim da Rocha, Raúl Faria Guimarães, António Lopes de Carvalho e Bonifácio Pereira Santinho».

Nenhuns agradecimentos devem os passageiros desembarcados do *«Monte Pascoal»*.

Os empregados da assistência aos emigrantes cumpriram apenas o seu dever, tratando com carinho os patricios que regressaram à Pátria, mas se a bondade e entusiasmo os levaram a trazer aos ventos da publicidade

Do nosso consócio Alexandre Martins Ramos, recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta:

Há em tôdas as profissões, e principalmente nas chamadas liberais, bons e maus elementos. Uns, protegidos por o diploma e respectivo canudo de lata, julgam-se aptos a exercer a profissão que escolheram. Devendo ser honestos e conscientes, são fátuos e ôcos. Outros, pretendendo ver nos seus subordinados um grupo de imbecis, têm a má compreensão dos seus deveres e incompreensão dos direitos e deveres dos outros, chegando, mesmo, a usar do insulto e da calúnia, esquecendo-se de que pelo exemplo é que se prega.

Acho que seríamos justos, que seria uma necessidade e um dever nosso, começar por registar nas colunas do nosso órgão sindical, os nomes daquêles empregados, que dêsse facto são dignos.

Está neste caso o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. A. L. da Costa Metelo

S. Ex.<sup>a</sup> tem a consciência das suas responsabilidades, como todos os bons médicos, e que na Assistência desempenham cargos de natureza diferente. Possui raras qualidades de inteligência, de carácter e de acção. Em todos os seus actos procede com a consciência, a moral e honestidade profissional, que caracterizam os bons chefes.

S. Ex.<sup>a</sup> tem a noção bem nítida dessas três qualidades indispensáveis; é um médico autêntico, sabedor. Autorizam-me a fazer esta afirmação, os meus trinta e um anos de vida de enfermagem.

Após dezasseis anos efectivos de empregado da Assistência aos Emigrantes, foi-me grato, pela primeira vez, embarcar com S. Ex.<sup>a</sup> no *«Alcântara»*, embarque que representou para mim uma compensação da penúltima viagem que fiz no *«Highland Chieftain»*, viagem que foi um dos meus maiores sacrifícios por os lamentáveis motivos que são bem conhecidos... Não necessita S. Ex.<sup>a</sup> destas minhas pálidas referências. Porém, traduzem rigorosamente a expressão da verdade. E, senhor Director, muito grato lhe ficaria pela inserção destas minhas palavras o seu camarada, muito grato.

A. Martins Ramos

o seu preito de gratidão, bem hajam pelo gesto.

E já agora convém pôr em relêvo o facto seguinte: uma das principais razões da declaração foi a boa confecção da comida, facto que as companhias esquecem por vezes, recusando-se a matricular cozinheiro português, porque a lei não impõe, e muito lamentavelmente, a sua admissão obrigatória.

Há críticas sinceras e outras mal intencionadas e sistemáticas. As críticas sinceras merecem-nos sempre o respeito que aspiramos igualmente para as que formulamos.

Mais ou menos directas, mais ou menos claras, têm chegado até nós críticas, que reputamos sinceras, à acção dos Sindicatos — ou antes ao que se considera como falta de acção dos Sindicatos.

De facto, no ambiente lento e viciado de certo passivismo que caracterizou a nossa vida corporativa, as massas sindicais têm, por vezes, a impressão de que os seus dirigentes nada fazem. A missão que a população sindical confia a êsses dirigentes é por alguns críticos considerada como remançosa seniecura em que as vaidades individuais fortemente se saciam e por outros, mesmo, como degrau esperançoso para proveitosas e fartas benesses...

Quanto a serviços, esforços e sacrifícios — poucos são os que os atribuem aos dirigentes sindicais.

— Aqui, um ligeiro parentesis para prevenir que não pretendemos referir-nos exclusivamente ao nosso, mas a todos os Sindicatos.

E' certo, entretanto, que, por nossa parte, achamos de todo o ponto natural — embora não justas — estas críticas com que os Sindicatos são alvejados pelas massas trabalhadoras.

Porquê? Porque o ritmo das realizações que os Sindicatos conseguem arrancar ao sonolento e passivo ambiente corporativo em que vamos caminhando, não pode satisfazer completa e eficazmente esta ância de *«mais e melhor»*, esta continua aspiração de progresso social que caracteriza a nossa época.

São os Sindicatos, são os dirigentes sindicais os culpados da curteza do caminho percorrido, das demoras com que vão sendo concedidas, aqui e ali, benefícios há muito solicitados?

Seremos nós os responsáveis pela fraca colaboração prestada aos Sindicatos e pela restrita valorização que a estes se concede, tanto nalguns sectores da organização corporativa como nos chamados meios económicos? A despeito de tanto discurso flamante e tão belos artigos em que se encarece o sindicalismo corporativo, a verdade é que, por um lado, o exército administrativo, a massa burocrática do Estado não compreendeu ainda a necessidade de identificar a sua acção com a velocidade característica da hora actual. Por outro lado, o patronato, mesmo, em grande parte, o integrado já na organização corporativa — parece esforçar-se por confirmar, pela incompreensão que revela do sentido e fins sociais do Corporativismo, a argumentação *«vermelha»* de que a adesão da burguezia ao Estado Corporativa tem por fim, manhosa e arteira, travar, em resistências passivas, a marcha, no campo social, da Revolução Nacionalista. De todo êste ambiente cuja existência muitos terão constatado mas poucos vejo confessarem em público — de todo êste ambiente de frouxidão e vagares, decerto, não são os Sindicatos os culpados.

Têm razão os nossos camaradas quando afirmam que é pouco o que conseguimos. Mas não a terão aqueles que avaliarem pelos resultados obtidos a dedicação, os esforços, a vontade criadora dos que trabalham nos Sindicatos Nacionais.

Portugal Branco

(Do Jornal «A Acção Sindical»)

## Sindicato

## Transcrições

## Resumo do movimento de Caixa no mês de Junho de 1939

CONTAS	DÉBITO	CRÉDITO
Saldo anterior . . . . .	674\$87	
Cotas . . . . .	1.750\$00	
Órgão de Imprensa . . . . .	70\$50	
Rendas . . . . .	250\$00	
<b>Total . . . . .</b>	<b>2.744\$87</b>	
Órgão de Imprensa . . . . .		321\$00
Rendas . . . . .		357\$10
Despesas Gerais . . . . .		338\$15
Expediente . . . . .		14\$ 5
Empregados . . . . .		310\$00
		<b>1.340\$40</b>
Saldo para Julho . . . . .		<b>1.404\$12</b>
<b>Total . . . . .</b>		<b>2.744\$87</b>

Iniciámos no passado número e concluíamos neste, a publicação de artigos vindos a lume nos órgãos de imprensa dos sindicatos, que pelo seu valor merecem ser transcritos.

Tomarão assim os nossos associados conhecimento com problemas de educação e cultura geral, que além da utilidade que resulta para quem os lê, serve ainda para premiar os seus autores com a divulgação dos seus pensamentos.

## Jornal da Tarde

Sob a direcção do Dr. Jorge de Faria, acaba de sair *O Jornal da Tarde*, que se apresenta bem colaborado.

Ao novo jornal desejamos muitas prosperidades.

# PELO FUNCHAL

**A história de uma lista de passageiros ou um subterfúgio para não cumprir a lei**

A cidade do Funchal, a maravilha do Atlântico, tão cantada pelos poetas, e admirada por estrangeiros, é uma terra em que acontecem as mais estranhas coisas.

Talvez por influência das emanções do fodo, talvez por mórbido temperamento que faz do madeirense médio um ser moldável e sugestível, o certo é que naquela ridente ilha, luxuriosa de vegetação e rica de panoramas belos, acontecem coisas muito extraordinárias, coisas que não é vulgar observar-se noutras terras do continente.

E' um desses acontecimentos invulgares que vamos relatar aqui, para se ficar sabendo até que ponto vai a maldade dos homens, quando pretendem ser maus para o seu semelhante, mórmente quando a pessoa a vitimar é um pobre trabalhador inculto e desprovido de recursos intelectuais que o defendam.

**Onde a história começa . . .**

A história começa em Lisboa no vapor «Cap Norte». Na véspera da partida da capital, o delegado do nosso Sindicato informava-se na agência Lane e C.<sup>a</sup> do número de emigrantes que o navio transportaria e pessoal que matriculava.

Que tinham apenas 23 passageiros, e que matriculavam somente o enfermeiro, o criado e a criada.

Estava conforme o preceito legal; não havia a reclamar, embora se lamentasse que por mais trez passageiros teria de matricular uma ajudante de enfermagem e mais um criado.

Que lastimavam, mas que não tinham mais passageiros.

E assim o navio seguiu no dia 20, Tejo abaixo, com rumo à Madeira.

**Onde a história se complica**

O «Cap Norte» às 5 horas da manhã de 22, pairava brandamente à vista da Madeira, ainda adormecida.

Uma neblina tenue, azulada, envolvia o casário da baixa tornando-se mais denso para cima, até encobrir por completo os píncaros desde o Cabo Girão à ponta do Maxico.

Uma hora depois já aclarado o dia, atraca a lancha da Sanidade e nela vem o delegado do Sindicato no Funchal, inquirir aos passageiros que vêm para saber do pessoal que embarcará.

Facultam-lhe a lista dos emigrantes portugueses que vêm de Lisboa, e êle conta nove. E men-

talmente faz rapidamente a conta: 9 de Lisboa, com 30 que entram na Madeira, são 39, logo aqui há que meter uma ajudante e um criado.

Dirige-se ao representante da Agência Freitas Martins, a quem vem consignado o navio, a celebríssima agência Freitas Martins, detentora da emigração para Curaçao, a tal agência cujos gerentes mudam de opinião como quem muda de camisa, e o tal representante informa o nosso Delegado de que apenas precisa uma ajudante e um criado, não sem que pretenda, para satisfazer qualquer pedido, matricular um homem em vez de mulher como é de lei.

Vem a terra o delegado prevenir o pessoal, tratar da matrícula, dar enfim aquelas voltas urgentes que são indispensáveis, que em Lisboa e Pôrto se dão na véspera e que no Funchal se realizam sempre a todo o vapor.

Faz-se a matrícula, a correr. Entretanto o Delegado volta a bordo, e estranhando que de Lisboa viessem tão poucos emigrantes, mais uma vez consulta a lista.

Lá estavam, 9 emigrantes . . .

Mas o diabo tõe-as, e o diabo nesta altura apareceu nas pessoas dos nossos associados que seguiram de Lisboa, os quais em conversa declaram vir servindo 23 emigrantes de Lisboa.

Grande espanto do delegado do Funchal. Então êle tinha visto com seus olhos 9 emigrantes na lista e às mesas apareciam 23! Seriam clandestinos? Não seriam?

Volta a lista à baila. Vai o delegado ao representante da firma Freitas Martins, que lhe afiança que são 9, e que não matriculava mais ninguém.

O pessoal de Lisboa diz que são 23, Freitas Martins, comissário e outros dizem que são nove!

**Onde a história se desvenda**

A confusão é enorme. O nosso Delegado recorre às autoridades madeirenses.

O Dr. Baltazar médico da Sanidade Marítima, em funções de inspector local dos serviços de emigração, o Sr. Freitas, da delegação da P. V. D. E., todos se espantam da reclamação do delegado.

Podia lá ser!

Que visse o Sr. Delegado o que fazia. A acusação era grave, a agência ou o commissariado do navio não viciariam uma lista de passageiros para se eximirem à matrícula de um criado . . .

O navio está na hora da partida, e para esclarecer o caso, o Dr. Baltazar embarga a saída.

Na presença das autoridades, o pessoal de Lisboa declara que seguem 23 emigrantes de Lisboa (e nós confirmamo-lo aqui públicamente) e por fim resolve-se fazer a contagem, que o confirma! Corre o pano sobre a história!

E' então dada ordem superior para matricular mais um criado, que é trazido de automóvel por conta da agência Freitas Martins, e duas horas depois de marcada o navio levanta ferro, esclarecida esta escura embrulhada da lista de 9 passageiros, quando no navio seguiam vinte e três!

Marcou a nossa secção do Funchal uma posição honrosa, intervindo com energia e acerto. Os nossos parabens.

**Epilogo**

Esta história verídica traz aos bicos da pena uma série de perguntas, que não fazemos, por enquanto, para não prejudicar a acção do inquérito que certamente as autoridades do Funchal abriram para apurar a quem cabem as responsabilidades da história que contamos.

Certamente não cabem à Hamburgo Sud-América Line, firma alemã proprietária do navio, que deve de estar acima destas histórias . . .

## A Caixa de Auxílio

O problema da Caixa de Auxílio, é precimente, um dos maiores problemas, que temos de resolver, dentro do nosso Sindicato Nacional e para êle se tem procurado uma solução, que se torna difícil de encontrar, devido à forma da sua cotização, ser incerta, o que torna mais difícil o problema que nos ocupa.

No entanto, a direcção, continúa dedicando-lhe a sua atenção, e na devida altura, trará, ao conhecimento da classe, o resultado do seu estudo. Vários alvitres lhe têm sido apresentados, e entre êles a dissolução da mesma, com a respectiva distribuição pelos sócios das importâncias equivalentes à sua cotização.

Permitam que lhes diga que não concordo que se acabe com a actual caixa, e não concordo porque a sua actual cotização já a pagávamos, pois quando se pediu que a nossa profissão fôsse isenta de contribuir para o fundo do desemprego, o então muito illustre Sub-secretário das Corporações, Dr. Teotónio Pereira, nos concedeu essa isenção, foi com a condição de que se criaria uma caixa de auxílio.

Apesar dos seus poucos anos ela já vem prestando a alguns dos nossos associados aqueles serviços que as suas possibilidades lhe têm permitido, não tantos como seria para desejar, mas Roma e Pavia se não fizeram num dia.

Muitos nossos consócios, julgam porém, que a caixa se criou, para socorrer a qualquer sócio,

que por circunstâncias da sua vida, as mais diversas, e se encontra numa situação difícil, entende que a caixa lhe deveria valer.

Puro engano; não pode ser essa a sua missão, e nem tampouco o poderia fazer com a actual cotização, o seu principal fundamento, era criar os alicerces duma futura caixa sindical de previdência, sonho, que sempre alimentei, mas de grande dificuldade em realizar dentro da nossa profissão, devido ao pequeno número dos seus actuais componentes. Quando se pensou na fusão dos actuais sindicatos, era precisamente a nossa ideia conseguir a unificação de todos os profissionais da assistência aos emigrantes, para conseguirmos ver realizado esse sonho, que tantos benefícios nos haveria de trazer no futuro, mas infelizmente os camaradas do norte, viram neste nosso desejo outro fim, e levaram as coisas para outro caminho, que deu o resultado que todos sabemos.

Por isso dizia que a nossa caixa de auxílio que dentro de poucos anos terá uma centena de contos, é um organismo que devemos manter dando-lhe talvez uma nova estrutura, diferente da que tem tido até hoje, mas aumentando os benefícios dos associados, e remodelando a sua actual cotização de maneira que os deveres e direitos de todos os sócios sejam iguais para evitar certas anomalias que se vem notando no seu actual regulamento.

*Bernardino Santos*

## O Hospital Sanatório

## Da Colónia Portuguesa do Brasil

Admirável estância de cura das  
mais importantes de Portugal

Não existe em Portugal, infelizmente, uma obra perfeita de combate e tratamento da tuberculose, doença terrível que tantas e tão preciosas vidas destrói.

Ação enérgica tem desenvolvido o Estado, a Assistência Nacional aos Tuberculosos, e a beneficência particular, e de tal movimento poucos resultados se colhem. Vai-se mantendo estacionária a percentagem da mortalidade, e muito é, visto que para mais não dão os fracos recursos financeiros investidos na cruzada de extinção da tuberculose e tratamento dos doentes.

Declarou um dia um notável médico, que um problema da tuberculose não se resolveia com sanatórios, mas com um conjunto de medidas que fôsse resolver o problema na sua origem, dentro do lar e no modo de vida de cada um.

E', de resto, conhecido o conceito: A resolução do problema da tuberculose não está em tratá-la, mas em evitá-la.

E talvez que em evitar tão funesta doença se gastasse menos, com muito maior utilidade.

\* \* \*

O Hospital Sanatório da Colónia Portuguesa do Brasil, instalado a 5 quilómetros da linda Coimbra, num vasto terreno a que se chamava a Quinta dos Vales, tem uma história simpática.

Foi esta quinta, de 100.000 metros quadrados de área, adquirida pela Colónia Portuguesa do Brasil, aquela colónia que em terras longínquas tão alto e tão dignamente levanta o nome de Portugal, que a ofertou ao Estado com edifícios e anexos para ali instalar um Hospital Sanatório para tuberculosos do sexo feminino.

O Estado, por decreto de 5 de Fevereiro de 1931, aceitou a notável oferta, e instalou o Hospital Sanatório:

Feitas as necessárias obras de adaptação e instalação, foi inaugurado solenemente em 6 de Julho de 1935.

E' um sanatório de planície, situado num ótimo local.

Dispõe de 250 leitos, sendo  $\frac{2}{3}$  destinados a doentes pobres e os restantes a pensionistas particulares e das instituições oficiais anti-tuberculosas.

Tem 8 enfermarias distribuídas por 2 pavimentos. As enfermarias são divididas em secções que

comportam 6 camas. Tem ainda quartos de 4 leitos e quartos de 1 leito (em pavilhão especial) e possui ainda um pavilhão de luxo.

Todas as enfermarias e quartos são amplos, arejados, bem iluminados e com excelentes condições de higiene e conforto.

Junto de cada pavilhão há as respectivas galerias duplas de cura de repouso para inverno e verão.

E', em resumo, uma notável obra, afirmação vibrante do espírito benemérito da Colónia Portuguesa do Brasil, obra que honra a Nação, porque sendo o melhor sanatório português é também um dos melhores e mais perfeitos do mundo, no dizer das inúmeras individualidades que o têm visitado.

\* \* \*

O Sanatório é dirigido pela alta competência do ilustre clínico Dr. Bissaya Barreto, especialista distinto que na especialidade é justamente considerado, tendo a quadruva-lo um brilhante corpo de médicos.

Os serviços de enfermagem são desempenhados com desvelado carinho e amor por irmãs da caridade, piedosas almas que ao tratamento dos enfermos votam uma dedicação sem par.

\* \* \*

E agora que prestamos a esta obra formidável a nossa homenagem, não queremos terminar sem patentear público agradecimento à Comissão Administrativa, ao seu ilustre director, pela pronta aquiescência ao pedido feito por este Sindicato do internamento de um associado, atingido pela terrível doença.

Embora tratando-se de um trabalhador que como profissional de assistência ao emigrante longos serviços prestou aos que constituem a Colónia Portuguesa do Brasil, o certo é que a Comissão Administrativa do Sanatório, com uma prontidão notável, satisfez o pedido do Sindicato, tornando-se merecedora da nossa maior gratidão.

Bem hajam, pois, os dirigentes do Hospital Sanatório da Colónia Portuguesa do Brasil, pela sua acção benemérita em favor dos que sofrem e pela honrosa e digna noção de humanidade e solidariedade de que deram provas.

## A apoteótica viagem

(Continuação da 1.ª pag.)

quantos motivos para evocações de gloria, de sacrificio e de dôr! Quantos nomes de varões assinalados, desses em quem poder não teve a morte".

"Este nome — Presidente Carmona — não pertence ao número dos destinados a passar com o exercício dum cargo eminente. O prestigio que o ilumina não deriva duma situação hierarquica, mas dum conjunto de qualidades de eleição, moral e intellectuais, já antes decisivamente reveladas, e às quais a situação hierarquica sómente proporcionou a oportunidade para mais ampla e assídua applicação. O nosso respeito e a admiração indissolúvelmente associam o nome de Carmona ao de Salazar. Ambos simbolizam, para nós, a cruzada ingente e já — louvores a Deus! — vitoriosa, do renascimento e da dignificação de um povo".

## Escala de Vapores

durante o mês de Agosto de 1939

PARA O SUL:

Dias	Vapores	Cais	
1	Highland Patriot	Alcantara	
3	General Artigas	Rochia	Toca no Porto
5	Anselmo	"	Toca no Porto
6	Groix	Alcantara	Toca no Porto
9	Monte Pascoal	"	
10	Vulcania	Rochia	
10	Nea Hellas (Grego)	Alcantara	
14	Alcantara	"	
15	H. Monarch	"	Toca no Porto
16	Antonio Delfino	"	
24	Madrid	Rochia	Toca no Porto
29	Belle Isle	Alcantara	Toca no Porto
29	H. Cheeftain	"	
30	General Osório	"	Toca no Porto
31	Saturnia	Rochia	

PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Cais
1	Lipari	Rochia
3	General Osório	"
6	H. Cheeftain	Alcantara
6	Saturnia	Rochia
10	Monte Rosa	"
16	Jamaïque	"
18	Monte Sarmento	"
20	Hing. Princess	Alcantara
25	General S. Martin	Rochia
31	Nea Hellas	Alcantara

## CAIXA DE AUXÍLIO 1.º de Maio

Resumo do Movimento de Caixa no  
mês de Junho de 1939

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	11.573\$80
Cotas	1.653\$95
Total	13.227\$75
CRÉDITO	
Fundo de funeral	300\$00
Fundo especial	200\$00
Fundo de doença	180\$00
Rendas	100\$00
Empregados	50\$00
Despesas Gerais — (Compra de títulos)	6.750\$00
	7.580\$00
Saldo para Julho	5.647\$75
Total	13.227\$75
FUNDOS EXISTENTES	
Em dinheiro	5.647\$75
Em Títulos	57.043\$50
Total	62.691\$25

1.º de Maio, jornal feito por trabalhadores e para trabalhadores, continúa saindo com toda a regularidade, sempre mais melhorado e útil.

É um dever de todos ampará-lo com a sua assinatura, porque 1.º de Maio, é aquêle baluarte de imprensa de grande expansão, que os trabalhadores precisavam para que os seus brados de justiça, as suas queixas sentidas e as suas manifestações de ideal, obtivessem a repercussão necessária e merecida.

Há pequenos senões a apontar-lhe de certo, mas no seu conjunto 1.º de Maio satisfaz, cumpre mesmo com certo brilho a missão que lhe foi cometida, pelo que deve ser auxiliado.

Aos nossos associados convidamos a leitura d'este semanário, porque nêle encontrará matéria variada que lhe satisfará a curiosidade e sua sede de perfeição.